

MAPA DIALECTOLÓGICO  
DO  
CONTINENTE PORTUGUES

Êste Mapa foi publicado originariamente na *Chorographia de Portugal* do Prof. Ferreira Deusdado, ed. de Guillard, Aillaud & C.<sup>a</sup>, donde se fêz uma separata do mesmo formato, Lisboa 1897, precedida de uma classificação sumária das línguas do mundo por Gonçalves Viana, — separata que aqui se reproduz com alterações.

## MAPA DIALECTOLÓGICO DO CONTINENTE PORTUGUÊS

Adoptando uma antiga denominação portuguesa, que me parece muito boa, chamo *romança* ao conjunto das línguas neo-latinas consideradas na sua unidade teórica: línguas neo-latinas, isto é, que se desenvolveram do latim, fases modernas do latim. O romança da faixa ocidental da Península hispano-lusitânica, faixa que, pelo que se lê em vários textos clássicos, podemos dizer foi chamada *Lusitânia* pelos antigos, e que compreende Portugal, e entre alguns territórios da moderna Hespanha também a Galiza, não se distribue uniformemente por toda ela: parte pertence ao domínio glotológico hespanhol; parte pertence à Galiza; parte a Portugal.

Da parte que pertence ao domínio glotológico hespanhol não tenho de me ocupar. À Galiza pertence o *galego*, que não é mais que um dialecto português, ou, se se quiser, um seu co-dialecto. A Portugal pertence:

a) o mirandês, e outros falares raianos (quadramilês, rionorês);

b) o português propriamente dito, — língua nacional de Portugal, que, ao lado dos idiomas raianos a que se fez referência, se fala em todo o Continente português, e que, por causa de circunstâncias históricas,

que não importa agora especificar, foi levado para fora, e se fala também nas nossas ilhas adjacentes, nas nossas possessões ultramarinas, no Brasil (onde é igualmente nacional), etc. Em área tão extensa e heterogénea era natural que a língua se scindisse em dialectos. E de facto os temos, como consta do seguinte quadro:

- A) grupo continental;
- B) grupo insulano (falares dos Açores e da Madeira);
- C) grupo ultramarino (português do Brasil, no uso vulgar; dialectos crioulos; etc.).

No mapa adjunto só se toma em conta o grupo continental.

**DIALECTO INTERAMNENSE:** conjunto dos falares usados na região (outr'ora província) de Entre-Douro-e-Minho, que se subdivide em *Alto-Minho*, *Baixo-Minho*, e *Baixo-Douro*. Em cada uma destas regiões secundárias a linguagem tem seus caracteres que podemos chamar *sub-dialectos*. O sub-dialecto do Alto-Minho faz transição para o galego.

**DIALECTO TRASMONTANO:** conjunto de falares usados em Trás-os-Montes com excepção de alguns territórios (Terra de Miranda, Rionor, e Guadramil) onde há linguagens próprias que se distinguem do português. Trás-os-Montes subdivide-se em *Raia*, *Trás-os-Montes central*, e *Alto-Douro*. Em cada uma destas regiões a língua portuguesa apresenta caracteres especiais (sub-dialectos).

**DIALECTO BEIRÃO:** conjunto dos falares usados na região (outr'ora província e algum tempo principado) da Beira, que se subdivide em *Beira-Alta*, *Beira-Baixa*

e *Beira-Mar* ou Beira-Occidental. O dialecto beirão fica intermédio aos do Norte e ao meridional.

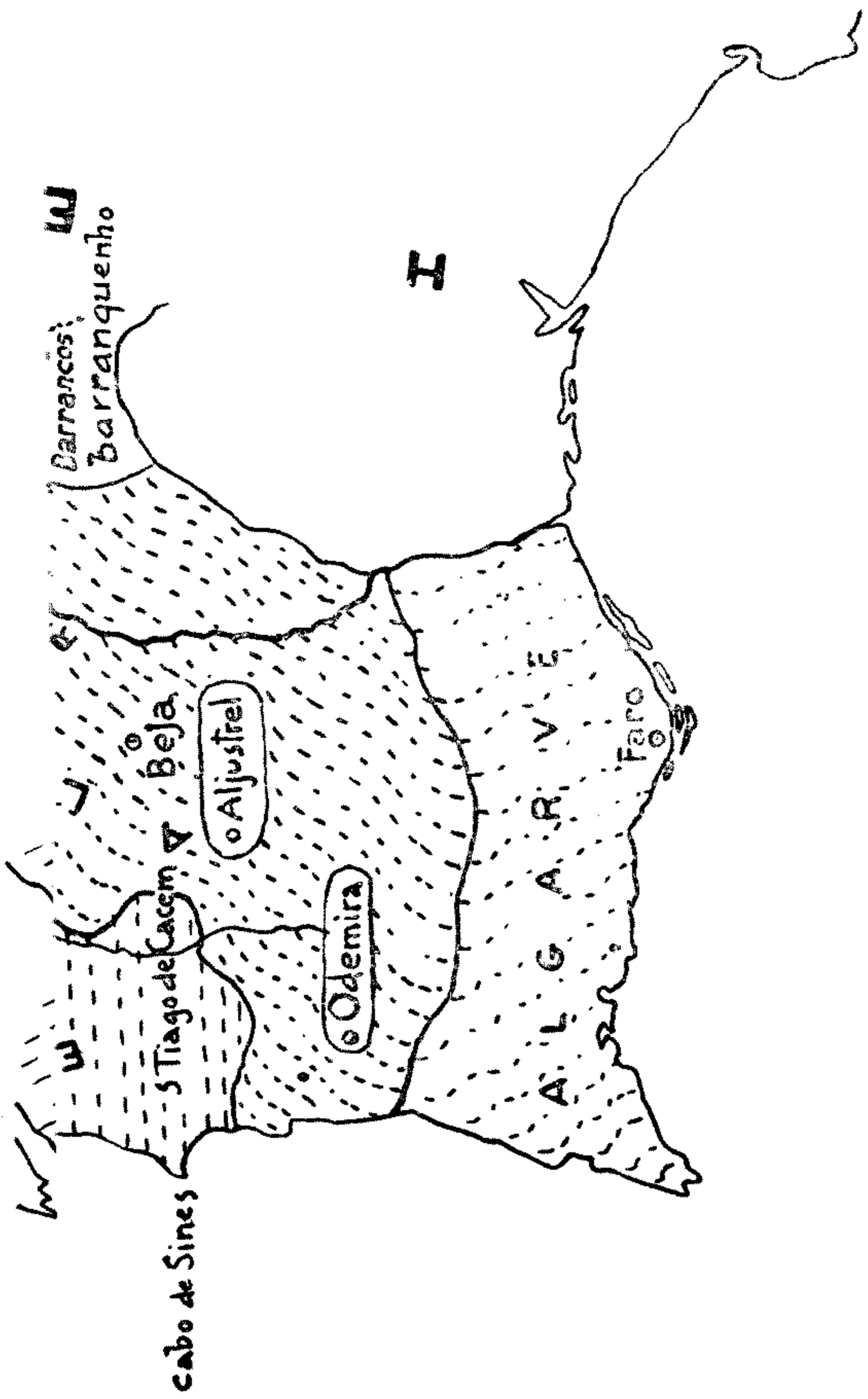
**DIALECTO MERIDIONAL:** conjunto dos falares usados no Sul, isto é na Estremadura, Alentejo, e Algarve (outr'ora nobilitado com o título de *reino*). Em tôda esta vasta região a linguagem apresenta algumas variedades que podemos considerar sub-dialectos. O Alentejo subdivide-se em *Alto*, *Central*, e *Baixo*. No Baixo-Alentejo fica Barrancos onde há uma linguagem muito especial ou *barranquenho*.

Como aqui só se trata do Continente portuguez, ficam de fora vários falares do reino de Hespanha intimamente relacionados com a nossa lingua: por exemplo, o de Ermisende, de Alamedilha ou Almedilha, e de San Martin de Travejo ou *samartinhego*. [A seu respeito vid. supra, pp. 601 ss., 673 ss.]. Exclue-se pelo mesmo motivo o *galego*, apesar da sua conexão com o portuguez, o falar de Lobios [vid. supra, p. 598 ss.], e o portuguez de Olivença (vid. *Rev. Lus.*, II, 347-349).

Convém por um lado notar que, exceptuando os idiomas raianos (mirandês, riodonorês, quadramilês) e os dialectos crioulos, os nossos falares populares não se diferenciam muito profundamente entre si, a ponto de as diferenças obstarem a que sejam sempre em geral entendidos no seu conjunto, embora difiram essencialmente. Por outro lado convém também notar que as variações dialectais não coincidem de forma exacta e absoluta com as divisões territoriais, de modo que, quando se diz, por exemplo, dialecto beirão, ou sub-dialecto alentejano, não possa haver fenómenos comuns à Beira e ao Alentejo, — o que paralelamente acontece noutras nações; mas é costume adoptar por comodidade nomenclatura geográfica.

Devo igualmente dizer que com a expressão dialecto não quero significar um conjunto uniforme, pois que dentro de cada um desses conjuntos há, como escrevi acima, variações, que aqui não especifico, por ser isso agora descabido.

O mapa dá idea geral da distribuição dos nossos falares continentais, representando cada tipo de traços uma variação dialectal. Algumas zonas que ainda não estudei vão em branco. Outras zonas não as posso delimitar perfeitamente, sendo o meu intuito apenas indicar alguns pontos principais. Só poderia apresentar uma carta completa e rigorosa depois de concluidos os estudos que estou fazendo e outros que tenho planeados. Ainda assim, imperfeita como vai, é esta a primeira carta dialectológica que se publica em Portugal.



Mapa dialectológico do Continente português

